

O LAZER NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLINHAS DE FUTEBOL NA CIDADE DE BELO HORIZONTE

Mauro Lúcio Maciel Junior¹

Hélder Ferreira Isayama²

Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO: O objetivo foi entender se os profissionais que atuam em escolas de esporte acreditam que trabalham com o lazer, como relatam que esse trabalho acontece, quais conhecimentos sobre o lazer utilizam e como enxergam a importância do lazer em sua prática profissional. Para isso, desenvolvemos um trabalho de natureza qualitativa, cuja realização se deu através de uma combinação entre pesquisas bibliográfica e de campo. Na pesquisa de campo, realizamos entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais que atuam em três diferentes escolinhas de futebol. Como resultados, destacamos que todos os profissionais relataram ter o lazer presente em seu trabalho e que a importância que eles dão ao lazer, parece ser influenciada pela natureza do ambiente no qual trabalham.

Palavras-chave: Formação profissional. Iniciação esportiva. Futebol. Lazer.

THE LEISURE IN THE PROFESSIONAL ACTIVITY OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS IN FOOTBALL SCHOLARS IN THE CITY OF BELO HORIZONTE

ABSTRACT: The objective was to understand if the professionals who work in sports schools believe that they work with leisure, how they report that work happens, what knowledge about leisure use and how they see the importance of leisure in their professional practice. For this, we developed a qualitative work, whose accomplishment occurred through a combination of bibliographical and field research. In the field research, we conducted semi-structured interviews with four professionals who work in three different soccer schools. As results, we emphasize that all professionals reported having leisure present in their work and that the importance they give to leisure seems to be influenced by the nature of the environment in which they work.

Keywords: Leisure activities. Professional training. Football.

¹ Graduado em Educação Física pela UFMG e Mestrando em Estudos do Lazer pela UFMG. Membro do Grupo de Pesquisa Oricolé - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer da UFMG. Email: maurolmj9@hotmail.com

² Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer e do Departamento de Educação Física da UFMG. Líder do Grupo de Pesquisa Oricolé - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional no Lazer da UFMG. Editor da Revista Licere. Email: helderisayama@yahoo.com.br

EL OCIO EN LA ACTUACIÓN PROFESIONAL DE PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN ESCUELAS DE FÚTBOL EN LA CIUDAD DE BELO HORIZONTE

RESUMEN: El objetivo fue entender si los profesionales que actúan en escuelas de deporte creen que trabajan con el ocio, como relatan que ese trabajo ocurre, qué conocimientos sobre el ocio utilizan y cómo ven la importancia del ocio en su práctica profesional. Desarrollamos un trabajo de naturaleza cualitativa, cuya realización se dio a través de una combinación entre investigaciones bibliográfica y de campo. En la investigación de campo, realizamos entrevistas semiestructuradas con cuatro profesionales que actúan en tres diferentes escuelas de fútbol. Como resultados, destacamos que todos los profesionales relataron tener el ocio presente en su trabajo y que la importancia que ellos dan al ocio, parece ser influenciada por la naturaleza del ambiente en el que trabajan.

Palabras-clave: Actividades recreativas. Capacitación profesional. Fútbol.

Introdução

Na atualidade, observamos um interesse crescente em se discutir sobre a formação dos profissionais que irão atuar no campo do lazer. Nesse aspecto, as produções que buscam estudar esse tema apresentam, desde críticas a “cursos centrados no “fazer por fazer”, em receitas de atividades ditas “recreativas”” (ISAYAMA, 2013, p. 41), até a exposição de pontos de vista sobre as competências que deveriam ter os profissionais para trabalharem na área, como feito por Melo e Alves Júnior (2003), ao falarem sobre a necessidade de formar profissionais que assumam a função de educar as sensibilidades, possibilitando experiências capazes de ampliar as vivências culturais dos sujeitos.

Nesse contexto, questionamos as relações entre a formação profissional para atuar no lazer, com os esportes, visto que, estes últimos, constituem um possibilidade de vivências de lazer da população. Dentre os inúmeros aspectos sobre os quais podemos pensar às interseções entre lazer e esporte, as escolas de ensino de práticas esportivas, principalmente as de futebol, nos interessam de forma especial, devido à presença direta da atuação de profissionais de Educação Física nestes espaços.

Assim, buscamos estudos que continham a aproximação entre o lazer, esportes e as escolas de futebol, sobre as relações entre lazer e as escolas de futebol, observando a existência de percepções ou intervenções do lazer nesses espaços. Naquilo que se refere à relação entre lazer e esportes, procuramos sobre referências e exemplos que ajudam a explicitar a existência dessa relação. No que diz respeito aos marcos teóricos, consideramos importante falar das classificações feitas por Dumazedier (1979)³ e por

³ No livro “Sociologia Empírica do Lazer”, Joffre Dumazedier expõe a classificação sobre cinco conteúdos culturais do lazer, os quais se relacionariam aos seguintes interesses: físico-esportivos, sociais, manuais, artísticos e intelectuais.

Camargo (1986)⁴, separando as ocorrências do lazer em diferentes conteúdos culturais e inserindo as atividades ou interesses físico-esportivos como um desses conteúdos⁵.

Destacamos também, o número significativo de espaços de atuação em que estão inseridos profissionais de Educação Física e nos quais são possíveis as vivências do lazer. Para mostrar esses espaços, recorreremos a Isayama (2013) que cita a existência de um promissor mercado de trabalho no lazer em instituições como acampamentos, clubes, colônias de férias, hotéis, empresas de eventos, academias de ginástica, parques, organizações não governamentais, dentre outros espaços. Neste sentido, mesmo com as ressalvas do autor de que estes e outros espaços comportam profissionais com formações diversas para trabalharem com o lazer, em muitos deles observamos a presença consolidada da intervenção dos profissionais de Educação Física.

A existência dessa relação entre lazer, esportes e Educação Física ressoa também na constatação de Melo e Alves Júnior (2003) de que há, no mercado de trabalho, uma associação entre lazer e atividades físicas e esportivas. Tais atividades são comumente orientadas por profissionais de Educação Física e podem ser praticadas em vários dos espaços citados. Desse modo, podemos perceber o quanto o lazer se faz presente em nossa realidade e, conseqüentemente, o quanto os profissionais de Educação Física poderiam se apropriar das discussões desse campo de estudos, para exercer sua profissão.

Para obterem sucesso, tanto a indústria do lazer quanto os programas governamentais, buscam aproximar o esporte e as atividades físicas a valores importantes para a sociedade na qual se inserem, no intuito de atrair um maior número de adeptos. Assim, acabam dando um sentido de utilidade à prática das atividades que oferecem, vinculando o exercício físico à obtenção de saúde, bem-estar, qualidade de vida, à aquisição de competências necessárias ao sucesso no mundo do trabalho, dentre outros.

Não pretendemos aqui lançar um olhar meramente crítico a essas estratégias, nem contestar as possibilidades de, a partir do lazer vivenciado através de atividades físicas e esportivas, se obter os benefícios e competências citados. No entanto, partilhamos da ideia de Carvalho (2001) de que a Educação Física tem sentido de proporcionar aos indivíduos a experiência e o conhecimento de fazeres corporais (como jogos, danças e esportes) para que, através deles, esses indivíduos possam ter mais elementos para se situar no mundo e viver melhor, individual e coletivamente.

A busca por aproximar os ambientes de práticas esportivas a valores da sociedade contemporânea, tem feito com que nas escolinhas de esportes seja observada

⁴ Em 1986, Luiz Octávio de Lima Camargo, no livro "O que é lazer?" acrescenta mais um conteúdo: o turístico.

⁵ Como afirma Isayama (2007), essa separação de conteúdos deve servir apenas para denotar a diversidade cultural que integra o lazer, visto que todos os conteúdos propostos encontram-se intimamente relacionados.

a ocorrência de influências do esporte de rendimento. Este fato tem consonância com uma afirmação de Isayama (2007), sobre instituições ligadas ao lazer estarem reproduzindo modelos de prática onde há uma competição exacerbada e a busca da vitória a qualquer custo. Knijnik, Greguol e Santos (2005, *on-line*), alertam para os perigos de se cobrar altos níveis de resultado e afirmam que “aspectos que deveriam ser considerados importantes como a socialização entre os praticantes, a diversão na prática esportiva, entre outros, infelizmente ainda são negligenciados por muitos profissionais da área”.

Tais constatações, juntamente com a concentração de pesquisas sobre a iniciação esportiva na ótica do desempenho, visando ao desenvolvimento de melhores práticas pedagógicas para fomentar o aprimoramento de aspectos técnicos e táticos dos aprendizes, mostram que o lazer parece não receber atenção por parte dos profissionais que trabalham com o ensino de esporte para crianças e adolescentes.

Consideramos importante verificar como ocorre a atuação dos profissionais de Educação Física que trabalham com iniciação esportiva em escolinhas de futebol na cidade de Belo Horizonte, no sentido de responder às seguintes questões: esses profissionais acreditam trabalhar com o lazer em sua prática profissional? Se sim, como eles dizem que esse trabalho acontece? Quais conhecimentos sobre o lazer eles aplicam em seus trabalhos? Qual a percepção desses profissionais sobre a importância do lazer em sua prática profissional?

O objetivo desse trabalho foi saber se o lazer se faz presente na prática de profissionais de Educação Física que trabalham com iniciação esportiva em escolinhas de futebol da cidade de Belo Horizonte e, caso esteja presente, entender como ele é trabalhado por esses profissionais, dentro desses espaços de atuação.

Percurso metodológico

Esse estudo se deu através de uma combinação entre pesquisas bibliográfica e de campo. Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os sujeitos selecionados. A busca pelos sujeitos da pesquisa se deu a partir de dois critérios: os entrevistados deveriam ser formados em Educação Física e deveriam trabalhar ministrando aulas em escolinhas de futebol, na cidade de Belo Horizonte. Tendo em vista esses critérios, o primeiro passo foi realizar uma busca na internet por escolinhas de futebol em Belo Horizonte. A partir dessa busca, selecionamos escolinhas com maior representatividade no município e entramos em contato, a fim de saber se os professores eram formados em Educação Física e, caso fossem, se havia a possibilidade de agendar entrevista.

No total, as entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com quatro profissionais, que trabalham em três instituições diferentes (que aceitaram participar da pesquisa): dois em uma escolinha vinculada a uma equipe profissional de futebol; um em uma escolinha de bairro; e outro em uma escolinha vinculada a escolas de educação

infantil. A fim de assegurar o anonimato dos entrevistados, a identificação de suas respostas durante o texto será feita através dos códigos E1, E2, E3 e E4, sendo que os números representam a ordem na qual as entrevistas foram feitas. Para a apreciação dos dados obtidos, foi utilizada a análise de conteúdo fundamentada por Triviños (1987).

Conhecendo os sujeitos da pesquisa: motivações para a escolha da educação física e focos durante o percurso formativo

Em busca de entender a atuação dos professores entrevistados a partir dos entendimentos enunciados no tópico anterior, procuramos, primeiramente, apoio nos estudos sobre formação profissional, a fim de entender os caminhos que eles percorreram até se estabelecerem na função que ocupam hoje no mercado de trabalho.

Neste sentido, adotamos a perspectiva de que maneiras como as pessoas interagem com os componentes de um currículo e se apropriam deles, devem ser vistas como dotadas de particularidades que estão atreladas à individualidade de cada sujeito, aproximando-se daquilo que Tardif traz ao longo de sua obra intitulada *Saberes docentes e formação profissional*. Neste trabalho, que tece reflexões sobre a formação de professores, o autor diz que o saber dos professores, dentre outros fatores, “está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional” (TARDIF, 2002, p.11).

Neste sentido, na busca por identificar as percepções e as formas de atuar com o lazer utilizadas pelos profissionais entrevistados, consideramos importante conhecer um pouco sobre esses sujeitos, os interesses que fizeram com que eles embarcassem no curso de Educação Física e quais os caminhos eles seguiram durante sua formação.

O curso Educação Física... desde pequeno eu quis fazer Educação Física. Sempre gostei de esportes. Nas aulas de Educação Física me dava bem, gostava de todos os esportes. Então, resolvi fazer Educação Física, mais por causa disso. [...] E foi uma coisa que eu sempre quis fazer. Mexer com esporte foi o que eu sempre gostei (E1).

A minha trajetória começou como boleiro, na minha adolescência. Foi meu primeiro emprego de carteira assinada. Meu irmão mais velho é formado em Educação Física [...] Trabalhei na federação de vôlei depois, meu irmão também me levou para trabalhar no jogo de voleibol: limpador de quadra, gandula e daí começou interesse, amor pela atividade física. [...] comecei a ser professor de natação que foi o meu maior período que foi dentro da natação trabalhei 18 anos na natação, depois que eu fui para faculdade (E2).

Bom, primeiro essa questão do que me fez gostar de Educação Física, foi que eu sempre fui apaixonado por futebol. Essa questão do futebol, de duas uma: ou você vira jogador ou você vira treinador. Como eu não virei jogador e essa paixão existe em mim, falei: vou fazer Educação Física, para trabalhar com futebol. Então foi isso que eu fiz. Isso que me motiva até hoje a trabalhar (E3).

Pelo curso, eu sempre fui um atleta de futebol de futsal, sempre participei de escolinha de futsal e depois tentei seguir essa carreira tentando em time de categoria de base no futebol de campo. Sempre tentei, até meus 18 anos, quando eu vi que eu teria que decidir e que eu vi que a questão do alto rendimento era bem complicada

para a gente chegar realmente a ter algum futuro como jogador, ou eu iria estudar iria começar algum curso. Então pensei largar o futebol e começar um curso. Como minha vida inteira foi voltada para o esporte, eu não me vi em nenhuma outra área a não ser dentro da Educação Física (E4).

A partir da visualização dessas respostas, torna-se perceptível que o apreço pelo esporte (especialmente o futebol) e pelas atividades físicas foi algo marcante nas falas dos sujeitos, no que diz respeito à motivação que os levou à escolha pelo curso de Educação Física. Além desse apreço, a familiaridade com o futebol, com os esportes e/ou com as atividades físicas também se fez presente nesses relatos, mostrando que, antes de adentrarem no curso, os profissionais entrevistados já possuíam uma experiência com o objeto com o qual foram trabalhar.

Dessa forma, é possível dizer que “Há fatores de ordem social, familiar e pessoal que interferem na escolha de uma profissão” (FOLLE *et al.*, 2009, p.31). Com relação aos profissionais entrevistados neste trabalho, em maior ou em menor grau, todos revelaram a presença em sua escolha profissional, de algum dos pontos mencionados pelo autor acima.

Ainda nesse sentido, as falas transcritas corroboram com os achados de Razeira *et al.* (2014), em um estudo que investigou os motivos que levam à escolha pelo curso de licenciatura em Educação Física. Nele, o fator principal para a tomada dessa decisão foi o gosto pelo esporte, mencionado por 69,67% dos sujeitos. No que diz respeito a experiências anteriores, elas também são mencionadas no estudo de Razeira *et al.* (2014), uma vez que os autores sugerem que o resultado que obtiveram pode ter relação com as experiências anteriores dos sujeitos, o que também pode ser visualizado na presente pesquisa, tendo em vista a trajetória de prática e/ou trabalho com o esporte, citada pelos entrevistados.

O mesmo foi verificado em trabalho de Krug (2010). Ao investigar o percurso da vida escolar básica com a escolha profissional de acadêmicos da licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria, o autor encontrou que o principal motivo pela escolha do curso foi o gosto pelos esportes, tendo sido citado por 14 dos 24 entrevistados. Além disso, estes sujeitos também mencionaram uma vida na educação básica marcada pela prática de esportes, revelando, também, uma familiaridade anterior com os esportes.

Outro aspecto que é importante de se conhecer, tem relação com os focos que esses profissionais deram a seus percursos formativos na Educação Física. A relevância dessa questão para esse trabalho se faz presente na possibilidade que ela nos traz de compreender quais foram os interesses que marcaram esses percursos, se eles tiveram proximidades com o lazer e suas possíveis influências na forma com que esses professores atuam profissionalmente.

Com relação a esses pontos, os quatro sujeitos relataram que houve, pelo menos em algum momento do percurso na graduação, um direcionamento de seus interesses às disciplinas esportivas e/ou ao futebol.

O que eu gostei foi sempre aula de futebol, futsal, entendeu!? E de esporte mesmo: natação, basquete... tinha um pouco de preguiça das aulas de anatomia, essas coisas... eu sei que faz parte, precisava delas. Mas as áreas do desporto mesmo... tanto que sempre, quando entrei no curso, foi mais focado na área de desporto, foi mais focado para mexer com algum esporte mesmo (E1).

Durante o curso eu comecei na natação por questões financeiras porque era minha forma de ganhar dinheiro. Minha renda era na natação. E aos poucos eu fui me desligando. Depois que apareceu o futebol na minha vida profissional, eu fui me desligando aos poucos da natação, até que me desliguei totalmente (E2).

Normalmente, o curso de Educação Física é muito amplo, ele te dá várias áreas e você tem que buscar trazer aquilo para o seu meio. Então eu já graduando é o que eu fazia. No trabalho de fisiologia, no trabalho de bioquímica, eu já tentava trazer isso para o futebol. Na anatomia, na biomecânica, na fisiologia, na cinesiologia, ao invés de estudar isolado, para fazer curso para ter nota, eu já pegava e transferia para o futebol, para ser mais interessante. Então, eu associava ao que eu gostava (E3).

Eu sempre tive interesse na área da iniciação esportiva, mais no princípio do curso, especialmente. No final do curso, na hora que você começa a pegar o estágio, eu fui transferindo esse interesse para a atividade física e estudei bastante isso. Depois eu passei aí na atividade física também que é uma coisa que hoje em dia eu trabalho também. Aquilo que eu estudei mais relacionado a escolinha, eu sempre estudei até o meio do curso bastante sobre iniciação esportiva e depois fui só acompanhando (E4).

Para a obtenção dessas respostas, a pergunta realizada foi: “Qual foi sua trajetória no curso de Educação Física?”. Os trechos transcritos mostram que, de certo modo, os interesses e as familiaridades que esses sujeitos tiveram com o esporte, antes de entrar no curso, foram importantes no caminho que eles vieram a seguir dentro da graduação e, posteriormente, no mercado de trabalho (tendo em vista que se tornaram professores de escolinhas de futebol). A partir de um olhar mais atento, mostra também como os esportes e as disciplinas mais voltadas para as ciências naturais, como Anatomia, Fisiologia, Bioquímica, Biomecânica parecem ser as mais presentes na memória que esses profissionais possuem sobre seus cursos.

Neste ponto, há uma convergência desse estudo com um trabalho de Figueiredo (2004), que procura entender a formação docente em Educação Física, relacionando-a às experiências sócio corporais dos alunos desse curso e à construção de seus saberes. Segundo a autora, “A estreita vinculação entre Educação Física e saúde e Educação Física e esporte tem sido, ao longo dos anos, a principal referência dos alunos que ingressam no curso de Educação Física” (FIGUEIREDO, 2004, p.89). Assim, mesmo que o presente estudo tenha tido como sujeitos profissionais já formados em Educação Física, parece que essa vinculação da Educação Física com saúde e com esportes, continua presente.

Sobre o lazer, vemos que ele não foi citado em nenhum dos trechos transcritos das respostas sobre as trajetórias que os sujeitos tiveram no curso de Educação Física. Observamos, assim, que, de modo espontâneo, os entrevistados não fizeram menção à

presença do lazer em suas formações. Em um primeiro momento, isso pode revelar que as disciplinas sobre lazer não tiveram um envolvimento dos entrevistados para com elas.

Tendo isso em vista, parece que este estudo revela uma situação enunciada por Figueiredo (2004, p.90) de que “muitos alunos que ingressam no curso de Educação Física já trazem uma concepção dessa área como sistema de treinamento de atletas, instrutora de exercícios físicos e outras do mesmo gênero”. Além disso, de acordo com essa mesma autora, o estudante, com base em suas experiências sociais, tem sua formação inicial modelada. Este fato reflete nas interações que ele faz, em suas escolhas e, principalmente, no filtro sobre os conteúdos acadêmicos que lhes interessam. Como visto nas respostas dos entrevistados, essa concepção de Educação Física vinculada à saúde e aos esportes, parece ter sido predominante entre eles antes da entrada no curso, além de ter sido capaz de nortear seus interesses durante a graduação.

Essas reflexões podem nos levar a pensar sobre a existência de uma fragmentação no ensino da Educação Física e no interesse dos estudantes que optam por esse curso. Isso pode ser evidenciado na fala de Carvalho (2001) de que os temas atividade física e saúde (e incluímos aqui também o esporte) são tratados com uma discussão distante do enfoque sociológico e político, dentro dos cursos de Educação Física. Neste sentido, e em busca da postura profissional apresentada na seção anterior, acreditamos que deveria prevalecer a visão de Cauduro (2003), sobre a Educação Física trabalhar com o ser humano “tanto na área da saúde quanto na da educação. Não podemos dividir, fragmentar em áreas de conhecimentos (específicos) quando a proposta mundial no momento é trabalhar com a complexidade” (CAUDURO, 2003, p.32).

O lazer durante a graduação: aproximações e distanciamentos com o esporte

Na tentativa de reconhecer os olhares que os sujeitos dessa pesquisa têm sobre o lazer, destacamos que esses profissionais se expressaram, inicialmente, a respeito de sua formação acadêmica relacionada ao lazer. Ao questionar cada entrevistado sobre a sua relação com o campo de estudos do lazer e suas disciplinas durante a graduação, um deles demonstrou de forma mais explícita uma visão fragmentada, manifestada no distanciamento no entendimento entre lazer e esporte.

Eu tive aula dessas disciplinas. Teve aula... eu não lembro da disciplina certinho, mas teve sim. E era uma coisa mais lúdica. Pensando em voltar mesmo para brincadeira, de acordo com a faixa etária. Teve a discussão sim. Agora, não foi isso que me fez direcionar nada dentro do futebol, dentro da área do desporto. Porque, quando eu entrei, eu quis mexer mais na área de competição mesmo. Só que a gente é obrigado a trabalhar com isso também. Então, você trabalha com competição, trabalha com escolinha, trabalha com ludicidade (E1).

Dois entrevistados tentaram estabelecer relações entre os conteúdos das disciplinas de lazer e o objeto de interesse que eles tinham, que eram a iniciação esportiva e o futebol, respectivamente. Apesar disso, deixaram ressalvas que também expõem, de forma implícita, um entendimento de distanciamento entre os dois temas.

Tinha muita aula prática. Eu sempre participei de eventos de lazer, ia às praças para os encontros, para as visitas técnicas. Então, sempre relacionado com esse lazer... então, muitas coisas eram uma coisa específica, que não tinha nada a ver com futebol, mas agregava, por exemplo, num aquecimento, pode ser com algumas coisas de outras matérias ou de outras modalidades. Você acrescenta nesse lazer para as outras modalidades. Você traz para o meu meio que é o futebol. Então, a gente aproxima isso direitinho quando a gente faz dessa forma (E3).

Por fim, houve, também, um entrevistado que demonstrou ter tido um contato maior com o lazer, uma vez que realizou seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre jogos e brincadeiras. Esse entrevistado revelou um entendimento um pouco mais amplo sobre o lazer, construído em sua trajetória acadêmica.

A minha monografia foi voltada para isso, dos jogos e brincadeiras. Eu sempre gostei muito de brincadeiras e sempre fui crítico desses jogos eletrônicos, dessa produção exagerada dos jogos de videogame. Acho importante, mas isso não pode fazer com que acabe o brincar na rua, o brincar com jogos e brincadeiras, os jogos coletivos, as brincadeiras cantadas, que aos poucos estão se perdendo. Hoje acaba que isso fica mais no interior, a gente não vê isso muito aqui na capital. Então meu foco da monografia foi muito nos jogos e brincadeiras, não necessariamente detonando os jogos eletrônicos, mas dando uma ênfase forte na importância dos jogos e brincadeiras na vida da criança, na formação cognitiva na formação física da criança (E2).

Embora as respostas pareçam apresentar conteúdos díspares entre si, elas trazem similaridades e elementos importantes de serem trabalhados. Neste sentido, o primeiro ponto a ser discutido, diz respeito à presença da ludicidade e da brincadeira relacionadas à ideia de lazer. Compartilhamos da proposta de Debortoli (1999, p. 106), de “compreender o brincar, a brincadeira, o gesto lúdico como dimensões da construção da linguagem humana, ou seja, como possibilidade de expressão, representação, significação, ressignificação e reinterpretação da e na cultura”. Desse modo, a presença do lúdico e das brincadeiras nos momentos de lazer se configura como uma possibilidade de expressão da individualidade das crianças, de contato delas com o mundo.

Observamos que os entrevistados trazem a noção de ludicidade como um elemento que está presente nas aulas de lazer e que pode ser transportado ao ensino dos esportes para proporcionar uma aula mais prazerosa. Assim, essas percepções se aproximam do que Pinheiro e Gomes (2016) encontraram em pesquisa sobre a abordagem do brincar em cursos de graduação na área da saúde. Segundo esses autores, na análise que fazem sobre essa abordagem no curso de Educação Física, “os termos lúdico, brincadeira, ou brincar, são utilizados, aparentemente, como elemento

motivacional, prazeroso e minimizador do caráter maçante de exercícios repetitivos para a aprendizagem e treinamento” (PINHEIRO; GOMES, 2016, p.559).

Com relação às brincadeiras, elas aparecem nas falas dos entrevistados de duas maneiras: como um artefato que as disciplinas de lazer nos ensinam a dividir em faixas etárias, aproximando-se daquilo que Marcellino e Sampaio (2007, p.14) dizem sobre o lazer ser interpretado como algo “restrito a ideia de atividade e às possibilidades práticas proporcionadas por ela”; e como algo importante na vida das crianças, em sua formação física e cognitiva, mostrando uma compreensão um pouco mais ampla do lazer e das brincadeiras, pela importância dada a elas na vida das crianças, mas, ao mesmo tempo, alinhada à naturalização do lazer como algo funcional, de cunho educativo, desinvestindo “as diversões e o descanso de seu caráter de gratuidade” (MARCELLINO; SAMPAIO, 2007, p.13).

Assim, de modo geral, as noções que esses profissionais têm sobre o lazer, oriundas de sua formação acadêmica, parecem estar vinculadas a receitas de atividades e a utilização de técnicas para divertir as pessoas. Nesse sentido, corroboram com Marcellino e Sampaio (2007, p.15) no que eles dizem sobre as disciplinas de lazer nos cursos de Educação Física, em sua maioria, reproduzirem uma ideia do “lazer restrito a brincadeiras, jogos e outras atividades de caráter ocupacional”.

Relacionam-se, também, a achados de Ramos e Isayama (2009), em trabalho sobre a inserção de conhecimentos sobre o lazer nos conteúdos desenvolvidos por disciplinas esportivas do curso de Educação Física da UFMG, a partir dos olhares dos professores dessas disciplinas. Os autores encontraram que, dentre os professores que dizem trabalhar com lazer em suas disciplinas, prevalecem noções do lazer associado a jogos e brincadeiras, como espaço para vivências lúdicas, para compensação do trabalho, dentre outros entendimentos.

Objetivos dos professores que atuam em escolinhas de futebol: a influência dos ambientes de trabalho

Ao analisar como os profissionais enxergam o seu papel como professores de escolinha de futebol, foram identificadas duas maneiras distintas de se abordar esse tema, de acordo com a natureza da instituição na qual cada profissional trabalha. Essas diferentes naturezas, refletem no público-alvo de cada escolinha, que parecem ser distintos quanto às motivações que os levam a procurar esses espaços. Assim, dividimos os professores entrevistados em dois grupos: um primeiro - chamado G1 - constituído por dois professores (E1 e E2) que trabalham em uma escolinha de uma equipe profissional de futebol de Belo Horizonte e, um segundo - chamado G2 - formado por um professor (E3) que trabalha em uma escolinha de bairro e outro (E4) que trabalha em uma escolinha vinculada a escolas infantis.

Nas respostas dos professores pertencentes ao G1, sobre a pergunta relativa ao papel de professores de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol, duas

questões foram notadas: a preocupação em ensinar aos alunos o jogo de futebol, proporcionando a eles um aprimoramento de capacidades necessárias ao bom desempenho da modalidade; e a compreensão de que é necessário ter cuidado com questões psicológicas dos alunos, devido às diferenças entre suas aspirações e suas possibilidades de se tornarem jogadores profissionais. Para exemplificar esses pontos, expomos o trecho abaixo:

É ensinar o todo né!? Porque tem gente que acha que escolinha é só brincar. Não é! Você tem que ensinar o todo. Tem a parte da ludicidade que é fundamental, mas tem a parte do trabalho técnico, você passar a importância de um trabalho físico, trabalho técnico, físico né... e a parte da brincadeira também. Só que sempre englobando o objetivo nosso que é o futebol. Mas um pouco de ludicidade e também... igual a gente está vendo aqui: a parte técnica, a parte física de um trabalho, a movimentação, coordenação e parte técnica também, voltada para o futebol. Então, os objetivos são introduzir o menino na modalidade né... passar um pouco de conceitos, passar fundamentos técnicos, muito! Um pouco da parte tática que é bem geral mesmo. A parte técnica a gente tenta cobrar mais. Execução do gesto técnico. A gente tenta cobrar mais isso também (E1).

Hoje, nós estamos inseridos tanto na equipe, quanto na escolinha. Nós vemos que futebol não é esporte, é uma religião. A grande maioria, 99,9% das crianças aqui na escolinha querem ser jogador de futebol. Às vezes eles esbarram nas dificuldades e eles sempre estão vendo aqui os meninos da equipe treinando juntos. Então eles começam a nos questionar e a gente tem papel fundamental nisso para não quebrar esse sonho do menino da escolinha, não tirar o interesse dele, não desmotivar. Eu acho que a gente tem papel muito importante em fazer esse feedback, em passar informação para o menino de uma forma que ele não se desmotive, nem desista dos sonhos (E2).

A importância dada por E1 aos aspectos físicos e, principalmente técnicos, visando às especificidades do jogo de futebol, conforme pontuado por Daolio e Velozo (2008), pode remeter a um ensino especializado do esporte e das técnicas esportivas, o que estaria atrelado ao esporte de alto rendimento. Segundo esses autores, a especialização “surge na dinâmica de profissionalização do esporte, sustentada pela exacerbação do uso de determinados tipos de técnica. A técnica referida é aquela nos moldes da ciência moderna, especificamente nos parâmetros de uma biodinâmica do movimento” (p.11).

Sobre o posicionamento de E2, ele revela uma questão importante sobre o contexto do seu local de trabalho, que também é explicitado posteriormente por E1. Ao mostrar a importância de o profissional saber trabalhar com a questão psicológica dos alunos, em relação aos seus sonhos e motivações, explicita como a referida escolinha está vinculada a um imaginário relacionado ao alto rendimento, mesmo que os professores demonstrem ter consciência de que esse não é o caso.

Porque eu não posso ir pra eles e simplesmente acabar com o sonho deles e falar que não tem jeito. E, ao mesmo tempo, eu não posso ficar iludindo. Então, tem que trabalhar sempre nesse meio termo, nessa corda bamba aí, tentando que menino evolua, mas sem cobrar demais para o menino não desmotivar (E1).

Assim, a percepção desses professores é de que a escolinha em que atuam não visa ao rendimento esportivo, nem tem o foco em resultados, traduzidos em ganhar jogos. No entanto, como eles se encontram inseridos em um contexto em que o rendimento está presente no imaginário de seus alunos, isso acaba influenciando suas preocupações, suas ações e, conseqüentemente, o papel que eles têm que desempenhar.

Com relação aos professores cujas escolinhas foram colocadas no G2, suas falas deixam transparecer que a questão do rendimento esportivo é algo mais distante de suas realidades. Ao serem perguntados sobre os papéis de um professor de escolinha de futebol, eles responderam:

Eu falo para você que você não tem que gostar de criança: você tem que amar criança. Se você quer trabalhar com iniciação esportiva, você tem que amar criança, você tem que viver o mundo de uma criança, você tem que envolver. Você tem que saber, quando você olhar no rostinho da sua criança, se ela tá triste, se ela tá feliz, se tá preocupada e intervir em cima disso. Porque esse é o verdadeiro motivo do professor (E3).

Pensando ainda mais na faixa etária que a gente pega, até 10 anos, por exemplo, é bem um sócio educativo mesmo; é bem os três princípios lá que a gente trabalha: o Esporte para Todos, então não tem nenhuma exclusão, todo mundo tem que ser aceito na aula. Trabalho muito com a ideia de conquistar as crianças para o esporte. Então eu sempre penso que o primeiro papel é conquistar o aluno para atividade física ou esporte (E4).

É possível perceber, portanto, como as enunciações feitas por esses professores se aproximam mais de questões como felicidade, valorização da individualidade do aluno, socialização e educação. Mostra, assim, outros aspectos presentes no esporte, ligados, por exemplo, ao lazer e à pedagogia, que não foram contemplados na abordagem feita sobre o rendimento.

Nesse momento, consideramos importante afirmar que não é nossa intenção estabelecer uma oposição entre as enunciações dos dois grupos, nem realizar juízos de valor sobre elas. O que pretendemos, ao mostrar essas diferenças, é transmitir a compreensão de que, embora os profissionais tenham apresentado similaridades em suas trajetórias pessoais e acadêmicas, o espaço de atuação profissional no qual se inseriram parece ter influência na forma como pensam sobre suas ações.

Visualizar esse fato é ir ao encontro do que Folle *et al.* (2009) dizem sobre o desenvolvimento profissional. Segundo esses autores, nesse processo, são agregadas

uma gama de expectativas, perspectivas e valores que auxiliam na definição de sua identidade profissional. Contudo, estes fatores não se apresentam dissociados de problemáticas e de enfrentamentos decorrentes do processo de socialização profissional (FOLLE *et al.*, 2009, p.27).

Dessa maneira, os locais de trabalho representariam um elemento presente no processo de “socialização profissional”, explicando, assim, as diferenças nas formas de se pensar o papel do profissional de Educação Física em uma escolinha de futebol.

Ludicidade e prazer através de jogos e brincadeiras... como o lazer se faz presente na visão e na atuação dos profissionais entrevistados?

Quando perguntados se vêm seus ambientes de trabalho como uma possibilidade de lazer para seus alunos, os indivíduos pertencentes ao G1 deram as seguintes declarações:

Então, a gente trabalha com isso, com essa ludicidade. Tem hora que a gente faz uma roda de bobo, fazem trabalhos mais, derruba cone, uns trabalhos mais lúdicos mesmo, mas sempre mostrando pra eles, sempre com o objetivo no trabalho. Derruba cone: trabalhar o passe, a mira na finalização. Sempre mais voltado para isso e ao mesmo tempo, igual eu te falei, sem cobrar demais, porque você pode estar frustrando o menino que não vai conseguir executar aquela atividade, ou aquele trabalho que você propõe (E1).

Aqui a gente vê que 99% são garotos que querem ser jogadores de futebol. Pode falar que um por cento tem outro objetivo. Vem alunos às vezes com obesidade infantil, que o objetivo é perda de peso; às vezes chegam uns pais aqui que chegam e falam que o filho está vindo aqui para brincar... e eu acho que isso é importante. Mas a grande maioria tá aqui para ser jogador de futebol (E2).

A partir dessas respostas, temos acesso a duas informações importantes: a primeira é a relação que é feita entre lazer, ludicidade e jogos utilizados para se trabalhar fundamentos presentes no futebol; e a segunda, diz respeito à explicitação de que, na opinião dos professores, a maioria dos alunos da escolinha vinculada à equipe profissional de futebol, não buscam uma vivência de lazer naquele ambiente.

Nas respostas dos professores do G2, algumas informações diferentes foram encontradas, devido à característica das escolas e, conseqüentemente, do perfil de interesse dos alunos.

Então, nossa escola é de integração. Então, o lazer tem que tá incluído. O slogan da minha escola é: “a felicidade do seu filho vem sempre em primeiro lugar”. Então, a criança tem que tá feliz. A criança tem que chutar a bola pra no final ela sorrir. Nosso ambiente é família. É como se eu fosse um pai de todos. Então, a aula é saudável. Brincar. põe apelido no meu aluno, o aluno põe apelido em mim e a gente faz de uma forma saudável, sem pejorativo. E a gente brinca (E3).

Na escola infantil, eu aprendo que eu vou conquistando os alunos, de sala em sala. Eu aprendi que eu vou conquistando eles nas minhas aulas. Eu fui vendo que ainda mais em idades menores, eles fazem por gostar e pelo lazer mesmo, o prazer da aula. Então, em meninos de uns 5 anos que é mais iniciação esportiva, a gente trabalha muito lúdico, pensando muito para capacidades coordenativas básicas. Eles sentem prazer na aula pela aula mesmo, pelo lazer, eles estão lá pelo lazer. então acho que a maioria da minha turma faz aula porque gosta, faz porque sente prazer mesmo. É pelo lazer mesmo (E4).

Nestes casos, notamos que a presença de fatores relacionados à diversão, à alegria e ao lúdico parecem estar mais presentes nos ambientes das escolinhas e nas ações dos professores. Além disso, os alunos desses ambientes têm as suas vivências nas escolinhas como um momento de lazer, o que foi explicitado no final da resposta de E4.

A maneira como os professores enxergam a escolinha como um espaço propício à vivência do lazer por parte de seus alunos, parece estar diretamente ligada às características dos ambientes onde eles trabalham. Aqui, de forma direta, a existência dessa diferença mostrou que, para os professores de G1, o lazer não é uma vivência procurada por seus alunos, opondo-se àquilo manifestado pelos professores pertencentes ao G2.

Apesar disso, no que diz respeito às formas com que os sujeitos deste trabalho dizem atuar com o lazer, as diferenças entre as naturezas das escolinhas parecem não influenciar nas ações manifestadas pelos entrevistados. Independentemente do local de atuação, é possível perceber a ideia de que trabalhar com o lazer é dar aulas prazerosas, divertidas, com conteúdos lúdicos, que se manifestam através de atividades como jogos e brincadeiras, que têm o futebol como referência e que são pensadas de acordo com a idade dos alunos com que se vai trabalhar. Desse modo, essa atuação corrobora com a visão dos sujeitos investigados por Ramos e Isayama (2009).

Utilizo muito o pegador, a gente sempre faz jogos físicos, jogos cognitivos, a estafeta que a gente faz o tempo todo. É um monte de circuito, pegador, corrida... eu não fico só no futebol. Principalmente nos meninos de 6, 7, 8 anos, eles adoram fazer essas disputas de estafetas, de fazer esses jogos da infância, que a gente brincou na infância, e muitos deles nem conhecem (E2).

Então, a área do lazer é uma área que eu não tenho domínio. Então eu não posso dizer quais conhecimentos eu uso, entendeu? Mas eu acho sim, por ser uma aula bastante lúdica... o nome lá da escolinha por exemplo é "Aprender brincando", porque a gente entende que eles têm que aprender sem saber que tão aprendendo. Eles tão jogando, eles tão brincando e tão aprendendo ao mesmo tempo. Então, uso muito a questão do lúdico com eles, mas, se for falar assim: eu uso esse conhecimento relacionado ao lazer, eu não sei te dizer. É uma área que eu não tive interesse e não tenho domínio (E4).

Estas enunciações que vinculam o trabalho com o lazer à utilização de jogos e atividades de caráter lúdico com vistas à aquisição de competências necessárias à prática do esporte, como a coordenação, revela a existência de uma lógica que consiste em enxergar o brincar, o brinquedo e a brincadeira como artefatos de reprodução de estruturas e comportamentos padronizados (DEBORTOLI, 2004).

Nesse sentido, concordamos com a visão de que "a realização de jogos e brincadeiras não significa, necessariamente, que o lazer está sendo abordado" (RAMOS; ISAYAMA, 2009, p. 388). A utilização dos jogos e das brincadeiras não são exclusividade dos tempos e espaços de lazer. Assim, trabalhar com esses elementos não significa,

necessariamente trabalhar com o lazer, visto que eles também podem estar presentes em ambientes de treinamento, onde, segundo Pinheiro e Gomes (2016) parecem estar ligadas mais a questões motivacionais e terem o objetivo de propiciar um momento de fuga de uma certa monotonia dos exercícios repetitivos, do que ao lazer propriamente dito.

Considerações finais

A forma como uma pessoa atua profissionalmente tem relação com diversos fatores relacionados à sua vida. A fim de compreender a atuação com o lazer de profissionais de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol, procuramos trabalhar com fatores que motivaram a escolha profissional pela Educação Física e com os que influenciaram os percursos de cada indivíduo dentro do curso. Fazer essa investigação foi importante porque mostrou a vinculação que todos os entrevistados apresentaram com o esporte e com disciplinas do campo esportivo, paralelamente ao pouco contato e interesse que tiveram com disciplinas da área do lazer.

Sobre a formação de cada sujeito relativa aos conteúdos do campo do lazer, verificamos que as compreensões que eles possuíam sobre a área estavam atreladas à utilização de jogos e brincadeiras e à mobilização de atividades lúdicas e prazerosas durante as aulas.

Todos os professores demonstraram que acreditam, de alguma forma, trabalhar com o lazer. Foi possível perceber uma vinculação entre a forma como eles dizem atuar com o lazer, a questões como ludicidade, divertimento e prazer, manifestados em jogos, brincadeiras e em uma atitude participativa do professor. Esses artifícios seriam utilizados como instrumentos para um ensino menos monótono dos conteúdos esportivos, sendo esse o conhecimento predominante sobre o lazer que eles levam para sua prática profissional. Com relação à importância que os professores entrevistados dão ao lazer em suas aulas, notamos que ela parece estar diretamente ligada ao perfil dos alunos que procuram as escolinhas em que eles trabalham.

Os profissionais de Educação Física que trabalham em escolinhas de futebol, podem ou não ter o lazer como uma preocupação presente em seus cotidianos profissionais. Essa questão vai depender de fatores como a natureza do local em que trabalham e das suas trajetórias e interesses durante a formação profissional. Com relação à trajetória e aos interesses, os profissionais que vão trabalhar nesses espaços parecem possuir um perfil formativo relacionado aos esportes, fazendo com que eles deem maior ênfase às disciplinas esportivas do que às disciplinas de lazer, durante seus percursos na graduação. Mesmo nos casos dos profissionais que dizem se preocupar em trabalhar com o lazer, os conhecimentos utilizados em suas intervenções não vão a fundo nas reflexões produzidas pela área, ficando restritos à tentativa de proporcionar uma aula agradável aos alunos, através de uma postura participativa e alegre do professor e do desenvolvimento de jogos e brincadeiras dentre as atividades propostas.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, Luiz O. L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Yara Maria de. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n.2, pp. 9-21, 2001.
- CAUDURO, Maria Teresa. O profissional de Educação Física e suas competências específicas. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (ORG.). **Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte**: para atuação em políticas públicas. Campinas: Papyrus, 2003. p. 31-46.
- DAOLIO, Jocimar; VELOZO, Emerson Luís. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**. Goiânia, v.11, n.1, p. 9-16, jan./jul. 2008.
- DEBORTOLI, José A. Brincadeira. In: GOMES, Christianne L. (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 19-24.
- DEBORTOLI, José A. Com olhos de crianças: a ludicidade como dimensão undamental da construção da linguagem e da formação humana. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 105-117, 1999.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**. Porto Alegre, v.10, n. 1, p. 89-111, jan/abr, 2004.
- FOLLE, Alexandra; FARIAS, Gelcemar Oliveira; BOSCATTO, Juliano Daniel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Construção da Carreira Docente em Educação Física: Escolhas, Trajetórias e Perspectivas. **Movimento**. Porto Alegre, v.15, n.1, p. 25-49, janeiro/março de 2009.
- ISAYAMA, Hélder F. O profissional do lazer. **Sinais Sociais**, v.8, n.23, p.37-62. Rio de Janeiro: Sesc, set-dez 2013.
- ISAYAMA, Hélder F. Reflexões sobre os conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Editora Alínea, 2007. p. 31-46.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; GREGUOL, Márcia; SANTOS, Sileno da Silva. Motivação no esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre as razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. **Revista Virtual EFArtigos**, Natal, v.3, n.2, maio de 2005.
- KRUG, Hugo Norberto. O percurso da vida escolar básica e a relação com a escolha

profissional dos acadêmicos da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria. **EF Deportes – Revista Digital**. Buenos Aires, v.14, n. 141, fevereiro de 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; SAMPAIO; Tânia Mara Vieira; CAPI, André Henrique Chabaribery; SILVA, Débora A. Machado. **Políticas Públicas de Lazer: formação e desenvolvimento de pessoal**. 1. ed. Curitiba: Opus Print Editora, 2007. 92p.

MELO, Victor Andrade.; ALVES JUNIOR, Edmundo Drummond. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães; GOMES, Christianne Luce. Abordagem do brincar em graduações na área da saúde: Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. **Movimento**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 555-566, abril/junho de 2016.

RAMOS, Renata; ISAYAMA, Helder F. Lazer e Esporte: Olhar dos Professores de Disciplinas Esportivas do Curso de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** (Impresso), v. 23, p. 379-391, 2009.

RAZEIRA, Mauricio Berndt; TAVARES, Francisco José Pereira; PEREIRA, Flávio Medeiros; RIBEIRO, José Antônio Bicca; MACHADO, Carla Rosane Carret. Os motivos que levam à escolha do curso de licenciatura em Educação Física e as pretensas áreas de atuação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 124-136, jul./dez. 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Endereço para correspondência

Avenida Antônio Carlos, 6627. Belo Horizonte/MG. Brasil. CEP : 31270-901.

Recebido em:

14/09/2018

Aprovado em:

29/09/2018